

ALFAGUARA

Sofi Oksanen

O parque dos cães

Tradução de Ana Maria Pereirinha

HELSÍNQUIA

2016

Talvez tudo se tivesse passado de outra maneira se eu a tivesse reconhecido logo e tomado consciência de que devia fugir. Mas não reconheci. Nem sequer virei a cabeça quando uma estranha se sentou na outra ponta do banco com uma lentidão dorida de movimentos. Na esperança de que ela entendesse que eu não estava para conversas, folheei ostensivamente o livro que tinha no colo. Não estava neste parque à procura de companhia.

O livro pertencia à biblioteca situada a poucos passos do parque e do recinto reservado aos cães. Andar com um saco cheio de romances atrás dava um ar de naturalidade às minhas permanências no parque. Quando por acaso alguém perguntava, eu respondia que gostava muito de animais e de os ver brincar, mas que, devido às minhas alergias, não podia ter um. Reparei que a mulher sentada ao meu lado também não tinha cão, mas a minha atenção estava toda dirigida à rua que rodeava o parque. Olhei furtivamente para o relógio, embora soubesse que não estava atrasada. Receava ter vindo para nada.

A mulher esticou as pernas e espreguiçou-se, como as pessoas fazem muitas vezes quando pensam meter conversa: um bocejo, o compor de um casaco ou um gesto de mão a lançar as bases para comentários sobre o tempo ou outras trivialidades. No entanto não veio nenhuma pergunta sobre o meu livro nem nenhum lugar-comum sobre a temperatura.

*

Deslizando para a outra extremidade do banco, aumentei a minha distância em relação à intrusa. Começara recentemente a ver com outros olhos as pessoas que andavam ociosamente pelo parque. Os reformados e os desempregados passeavam aqui só porque precisavam de uma desculpa para sair de casa. Talvez um dia eu fosse assim, quando já não tivesse uma razão concreta para visitar o parque e nenhum horário a regular a minha vida. Nessa altura também iria gostar que os meus vizinhos ouvissem o estrondo da minha porta da frente como um sinal de que andava ocupada e tinha amigos de visita, e então viria aqui, para me sentir parte do mundo observando a vida das outras pessoas.

Um *schнауzer* miniatura branco que se aproximava do parque dos cães recebia olhares ternurentos de transeuntes. A minha companheira de banco empolgou-se. Quando se inclinou ligeiramente para a frente, pensei que finalmente arranjaría coragem para dizer alguma coisa, talvez sobre a tosquia tão fotogénica do *schнауzer* ou a sua obediência impecável, mas não, manteve-se em silêncio.

I

Invisível

ALDEIA, *OBLAST* DE MYKOLAIV

2006

Quando entrei no quarto pela primeira vez desde os meus anos de juventude, tive um sobressalto ao ver o que me aguardava. Fotografias minhas emolduradas sobre a mesa, a cómoda e as paredes. Na maior parte dos casos, eram anúncios amarelos recortados dos jornais, mostrando-me a tentar vender tudo o que se pode vender com as curvas de uma mulher, desde tira-nódoas a peças de automóvel. Tinha enviado as fotografias à minha mãe como prova do meu trabalho de modelo, pensando que acabariam num álbum de recortes, mas ela transformara o quarto todo num autêntico altar, onde manchas de cores vivas disputavam a atenção com artigos em saldo. Não havia nestas fotografias nada para celebrar, muito menos para recordar com orgulho. Punham-me doente.

Tirei os recortes das paredes, arrebanhei as fotos que estavam sobre a cómoda e enfiei tudo no armário. No cimo da pilha ficou um anúncio a lãs de tricotar com novelos em todas as tonalidades de um fogo crepitante.

Pela hora do jantar, as fotografias tinham regressado aos seus lugares de origem — até o anúncio ao puré de castanha, que eu abominava. A rapidez da minha mãe surpreendeu-me: tinha conseguido repor tudo enquanto eu estava lá fora a dar uma volta ao jardim com a minha tia. A tia entrou no quarto, fez-me uma festa nas costas e sussurrou-me que não se pode negar a uma mãe o direito de se orgulhar dos filhos. Não podia confessar-lhe como tudo tinha corrido tão mal. Ela olhou para mim e abraçou-me.

— Estamos a aumentar as plantações e Ivan está a ajudar, por isso estamos bem — disse ela. — Estou tão feliz por te termos de volta, Olenka!

A minha tia envelhecera, tal como a minha mãe. O cão de guarda no pátio era novo. Para além disso, nada tinha mudado desde que eu partira. O ninho das cegonhas ainda estava em cima do poste de eletricidade, embora os pássaros já tivessem voado para Sul, e os casacos dos mortos, pendurados junto à porta da entrada, ainda lá estavam. Um era do meu pai, e o outro pertencia ao falecido marido da minha tia. Segundo esta irmã do meu pai, era sempre bom que os visitantes pensassem que havia homens em casa. Tínhamo-nos mudado para cá depois do funeral do meu pai, e agora eu regressara a esta casa de viúvas solitárias, onde no Dia da Mulher ofereceríamos flores umas às outras. Este pensamento fez-me perguntar à minha tia se Boris continuava a fazer a sua *horilka*¹. Enquanto ela ia buscar uma garrafa, troquei finalmente os sapatos por galochas. Eram novas e leves, talvez fossem de silicone. Compradas para mim, calculei.

Na manhã seguinte, fui até à paragem de autocarro para perceber se se via alguma coisa através das fendas da cerca do jardim ou por cima dela, mais ao longe, da estrada. Não havia nada que chamasse a atenção, e ninguém viria inspecionar este terreno por acaso. A situação poderia mudar quando as flores estivessem vermelhas. Mas a minha tia tinha razão, íamos precisar de mais papoilas. O meu regresso significava mais uma boca a alimentar e na noite anterior eu já tinha encomendado vários bidões de 30 litros de água potável. No estrangeiro, habituara-me a beber água ao longo do dia e tinha-me esquecido por completo do estado miserável dos poços daqui. Não sabia como ia pagar a minha encomenda.

¹ Denominação de uma variedade de bebidas alcoólicas destiladas ucranianas, obtidas a partir de frutos, trigo ou batata, geralmente mais fortes do que a vodca russa. (*N. da T.*)

Ia ter de abandonar a forma como nós, modelos, mantínhamos o peso controlado. A medida da cintura era agora a menor das minhas preocupações.

Não queria que a minha tia aproveitasse a oferta de Ivan, lhe pedisse dinheiro emprestado e aumentasse o tamanho dos campos de papoilas, apesar de confiar nele e no seu desejo de ajudar. Um campo de milho bem alto e ondulante podia esconder até mesmo uma grande plantação de flores, e Boris — o nosso ajudante contratado — podia dar conta da expansão. Era irmão de Ivan e como um filho para a minha tia. Mesmo assim, eu não queria ver-nos ainda mais dependentes do gangue para quem Ivan trabalhava e a quem entregava a compota² extraída das papoilas. Não tinha planeado um futuro assim para nós. Se o meu rosto tivesse estado à altura das expectativas, nem sequer estaríamos agora a falar de papoilas. Teríamos fechado a cozinha da compota e eu teria construído uma casa nova para a minha tia no lugar da antiga, ou comprado um apartamento na cidade. Nunca mais teriam de se preocupar com qualquer pequeno sinal de instabilidade que pudesse afetar o pagamento das suas já de si magras pensões.

Eu disse-lhes que haviam sido as saudades a fazer-me regressar. Mas não sei se alguém acreditou nisso. Durante todos aqueles anos, não tinha conseguido enviar dinheiro para casa. Precisava de resolver esta situação. Precisava de arranjar trabalho.

² Compota, ou *kompot*, é um preparado de heroína de baixa qualidade, feito a partir da palha das papoilas depois de recolhido o látex das cápsulas para a heroína propriamente dita. (*N. da T.*)

Comecei a ir à cidade à procura de anúncios de emprego. Muitas vezes, ia no autocarro com enxames de raparigas que transbordavam esperança e exalavam nuvens de perfume, com destino ao Palace onde, nas salas de reuniões, se realizavam desfiles de potenciais noivas para solteiros estrangeiros. À medida que se aproximavam do destino, as raparigas de cabelo curto aplicavam mais uma camada de laca e as de cabelo comprido agarravam nas escovas e escovavam as longas madeixas, tudo ritmado pelo tilintar de tubos de batom, caixas de pó e espelhos de bolso. Eu tinha passado anos em camarins cheios desses sonhos de futuros radiosos, com a diferença de que os perfumes no autocarro incluíam um fedor a batom rançoso. A rapariga sentada atrás de mim estava a empoar a cara com um pincel que não era lavado há anos, e muitos dos padrões dos vestidos imitavam peles de felinos selvagens. Escutava as conversas e perguntava-me se teria de tentar a minha sorte da mesma forma, apesar de saber que o príncipe encantado não existe, tanto cá como no estrangeiro. Estas raparigas ainda não sabiam isso, e as suas vozes excitadas recordavam-me a minha própria fuga para Paris. Também eu ia nervosa e com medo de dar um qualquer passo em falso. Também eu tinha aspirado a mais do que a minha terra podia oferecer. Já conhecia este percurso.

Assim que chegávamos, o bando de raparigas dispersava, deixando atrás de si o cheiro de cosméticos velhos e cabelos jovens, enquanto seguiam de braço dado e saltos de agulha em direção ao hotel. O negócio estava claramente a prosperar, o que me inspirou uma ideia que poderia ser útil.

*

A caminho do café com Internet, parei para inspecionar os folhetos colados aos postes de eletricidade, tentando detetar as empresas com ar de agências de casamento. Se as ofertas que eu procurava não estivessem anunciadas nos postes e nas caixas de eletricidade, nas paredes das cabines telefónicas ou *online*, iria ter de gastar dinheiro em jornais e ver as páginas de anúncios de emprego.

Mas a sorte não tardou a sorrir-me.

As agências matrimoniais não só procuravam potenciais esposas, como também precisavam de mulheres multilíngues para trabalharem como intérpretes. Arranquei todas as tirinhas de papel com números de telefone que esvoaçavam na parte inferior do folheto. Depois de um momento de hesitação, tirei mesmo o folheto do poste, bem como outros do mesmo teor, para reduzir a concorrência. Decidi começar a fazer chamadas naquele mesmo dia. Não podia falhar! Era mais do que qualificada. A esperança abriu como uma flor e a carícia das suas pétalas devolveu-me ao rosto uma autoconfiança que eu julgava perdida.

Consegui uma entrevista de emprego no dia seguinte, mas não consegui o lugar. Em vez de desistir, afastei o cabelo da cara e marquei outra entrevista. O humor febril das raparigas a correrem para a cidade no autocarro contagiou-me, e não faltavam agências de casamento. Só na Prospekt Lenina havia três, tal como na Sovetskaya e na Moskovskaya. Eu ia começar a conhecer a indústria, poupar o que pudesse, e, quem sabe, montar um dia o meu próprio negócio — talvez oferecendo aconselhamento para conquistar o coração das mulheres ucranianas, ajudando a escolher presentes para a amada. Recordaríamos aos homens que um cavalheiro devia trazer flores, oferecer o braço, abrir portas e ajudar uma senhora a sair do carro. Ou talvez pudesse descobrir rostos que agradassem

às revistas ocidentais e abrir uma escola de modelos numa das muitas cidades da Sibéria onde as nacionalidades se tinham misturado em combinações únicas devido aos campos de trabalho. Perdi sempre para raparigas de lá. Tinham sangue de todos os cantos da União Soviética — Europa de Leste, regiões bálticas, Ásia — e dos seus inúmeros povos autóctones. No entanto, um projeto assim exigia capital, coisa que eu ainda não tinha. Mas consegui-lo-ia em breve.

Ia de regresso, a caminho da rodoviária, quando uma rapariga vagamente familiar correu atrás de mim. Cumprimentou-me, dizendo que já me tinha visto nas filas das agências de casamento. Ela também tentara a sorte. Hoje, tinha ido candidatar-se a potencial noiva na mesma agência onde se candidataria a um cargo de secretariado.

— Em todo o caso, não custa nada — disse. — Também te devias candidatar.

— Não sei.

Tirei do fundo da mala os anúncios que tinha escolhido para lhe pedir informações sobre as empresas, mas, antes que eu pudesse perguntar, ela abanou a cabeça.

— Nem vale a pena incomodares-te.

— Como assim?

Enumerei as línguas que falava mais ou menos: inglês, francês, russo, ucraniano, estónio, alemão e até um pouco de finlandês. As palavras estrangeiras sempre me ficaram na cabeça com facilidade. Eu era provavelmente a mulher mais dotada para línguas de todo o *oblast*, onde até havia falta de falantes de inglês.

— Vais encontrar marido num instante.

— Eu não me quero casar. Quero ser intérprete. Ou talvez agente de vistos.

A rapariga desatou a rir-se e puxou para as coxas os canos das botas, que tinham descaído. Trazia uma saia curta. Apercebi-me de que eu estava mal vestida para o programa desse dia. Devia ter pensado em pôr em evidência os meus outros dotes.

— A minha prima tem uma amiga que é assistente numa empresa que estava à procura de intérpretes. E adivinha quem conseguiu o emprego? — perguntou. — A miúda que anda com o filho do diretor.

Olhei para a teia emaranhada das catenárias dos *trolleys* e deu-me uma vontade danada de beber um copo. Nada mudou neste país.

— E mesmo assim continuas a ir a entrevistas?

— Temos de tentar tudo. Talvez o filho do dono passe pelo escritório enquanto eu lá estou e se apaixone por mim. Foi assim que a amiga da minha prima conseguiu o emprego.

A rapariga alisou o cabelo com as mãos e piscou-me o olho. Tirando um maço de cigarros finos de dentro da mala, ofereci-lhe um. A ideia de voltar ao quarto, contaminado por todos aqueles anúncios com a minha foto, causava-me ansiedade, e suspeitei que teria de viver lá durante mais tempo do que pensava. A minha tia tinha convocado todos os seus conhecidos, tal como a minha mãe e Ivan. Todos prometeram dizer-nos imediatamente, se soubessem de um trabalho bom para mim. Ninguém tinha voltado a dar notícias.

— Pode-se ganhar bem a tratar de documentos de viagem. Podes criar a tua própria agência de vistos — disse a rapariga —, mas para isso precisas de bons conhecimentos e de uma carteira recheada. Tenho uma ideia melhor.

— Diz lá.

— Nas manifestações precisam de gente com bom ar. Pagam na altura, em dinheiro, e todos são bem-vindos.

Lembro-me vagamente de a minha mãe mencionar isto. Após a Revolução Laranja, começaram a aparecer nos postes de eletricidade anúncios à procura de participantes em manifestações. Nesses papéis, a natureza dos eventos nunca era clara. Mas o montante do pagamento era o isco mais importante, e isso estava sempre em destaque.

— O meu irmão não ganha mal como gritador.

Franzi a testa.

— Nunca ouviste falar? O trabalho é quase o mesmo que desfilar em manifestações, mas gritam mais alto, e têm de ensaiar. Na verdade, é mais para homens. Tens namorado, não tens?

Abanei a cabeça.

— Então vens comigo segurar faixas. Às vezes as viagens de autocarro são longas, sabia-me bem ter companhia. Se estiveres interessada, telefona-me.

A rapariga vasculhou o bolso à procura de um anúncio rasgado, escreveu o número de telefone dela na parte de trás e entregou-mo. Senti um aperto na garganta. Gostava de a convidar para um café e um conhaque, mas ela tinha pressa de ir buscar o filho à creche, e a sua *marshrutka*³ estava mesmo à esquina e ia partir assim que os lugares da carrinha estivessem preenchidos. Pôs o saco ao ombro, desapareceu acenando-me um adeus, e a solidão voltou a pesar sobre o meu coração como uma pedra.

Em casa fui recebida por um ambiente de pânico. Boris estava sentado num canto, a balançar para trás e para a frente, com as mãos a tapar a cabeça. A minha mãe e a minha tia ainda estavam com as roupas de funeral, que tinham vestido de manhã para irem ao enterro de um parente distante. Pensei que tivesse acontecido alguma coisa no funeral, até saber o que se passava. A cozinha da compota estava vazia, e até a televisão fora levada. Tínhamos sido assaltados. A casa ficara sem proteção por um momento, quando todos saímos antes de Boris vir pegar ao trabalho, e isso tinha sido um erro.

Eu não estava preocupada com os ladrões. Ivan havia de os localizar e fazê-los ver que tinham visado as pessoas erradas, e matado o cão das pessoas erradas. Mas isso não iria trazer-nos a compota de volta. Lembrei-me do amor com que Boris tinha vigiado o amadurecimento das cápsulas das

³ Táxi coletivo com rotas fixas. (*N. da T.*)

papoilas, o cuidado com que velara por elas e pela sua cozinha. Os assaltantes tinham roubado o melhor material do *oblast*. Não restava nada.

Vencedora dos prestigiados Prémio Femina e Prémio de Literatura do Conselho Nórdico, Sofi Oksanen regressa com um romance sobre a condição feminina, a exploração do corpo da mulher, a maternidade e a teia criminoso e lucrativa em torno daquelas que tudo perderam.

O parque dos cães oscila entre dois mundos: a Helsínquia da atualidade e a Ucrânia que conquistou a independência, após o colapso da União Soviética. Do cruzamento destas duas realidades, surge uma outra: a endémica corrupção do Leste, alimentando a ganância voraz do Ocidente. Nesta interseção, conhecemos duas mulheres que partilham uma história de lealdade, amor e confiança traída. Dão por si arrastadas para uma torrente de lutas de poder que opõe famílias influentes, mas que também opõe sexo feminino e sexo masculino. A razão é só uma: o corpo da mulher tem a capacidade de dar vida e, por causa disso, torna-se fonte de lucro.

Sofi Oksanen lança-se mais uma vez num tema fraturante e incómodo do mundo atual, numa narrativa que oscila entre o *thriller* psicológico e a mais comovente humanidade. *O parque dos cães* retrata a vida de uma mulher que se descobre incapaz de fugir à memória do filho que perdeu, aos fantasmas que a assombram e às mentiras que lhe salvaram a vida. Esta é a história do lado negro da indústria da fertilidade, mas também do ponto a que todos somos capazes de chegar para concretizar sonhos impossíveis.



«Uma narrativa de tessitura complexa e combustão lenta: o quadro vivo de um Estado pós-soviético onde quem manda são os mafiosos e no qual a exploração do corpo da mulher é um grande negócio.»




The Guardian

«Sofi Oksanen tornou-se um fenómeno literário.»

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 penguinlivros
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897848667



9 789897 848667 >